

[Pedro Malasartes]

→ **Classificação:**

- Conto jocoso.
- Classificação: 1541*B (Cardigos) Um Criado Chamado Pedro + ATU 1004 Porcos na Lama + ATU 1563 Ambos?
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Junho de 2007.

→ **Assunto:** Pedro, um miúdo astuto, sem escrúpulos, engana descaradamente um casal de velhos avarentos.

→ **Palavras-chave:** Alentejo, avareza, Baleizão, Beja, comerciante, dinheiro, enganar, malandragem, monte, ofício, pântano, pastor, porco, peru, rapaz, velha, velho

→ **Região:**

- **Região:** Baixo Alentejo
- **Distrito:** Beja
- **Concelho:** Beja
- **Localidade:** Baleizão

→ **Contador:**

- **Nome:** Edvige Rafael
- **Ano de nascimento:** 1937
- **Residência:** Baleizão

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Marta do Ó
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2006
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:14:13 m

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Maio de 2007
- **Palavras:** 2797

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Abril de 2010
- **Palavras:** 2720

→ **Montagem de vídeo e Web design:** José Barbieri

→ **Agradecimentos:** Biblioteca Municipal de Beja

[Pedro das Malasartes]

«Era uma vez uma velha e um velho que viviam num monte⁽¹⁾. Mas tinham muito dinheiro, mas andavam muito mal arrançados: muitos porcos, muito mal arrançados, numa casa muito suja...

E atão⁽²⁾ tinham um velhote que lhes guardava os porcos e os perus. Oh! O velho, a determinada altura, morreu. Morreu o velho. E diz a mulher assim:

[Velha:] – *Ai, marido! Tão mal que a gente⁽³⁾ fica aqui no monte! Atão agora ficamos aqui sozinhos, sem ninguém! O que é que a gente faz à nossa vida?!*

[Velho:] – *Temos que arranjar... Agora já não vamos buscar pessoas velhas. Agora arranjamós aí um rapazinho com uns treze ou catorze anos e 'tá aqui com a gente. Come, bebe, vestimo-lo, calçamo-lo e 'tamos aqui como (...).*

Ele foi a uma aldeiazinha mais pequenina, por exemplo, assim como (...), pequenina a aldeia. Havia lá um miúdo muita mau, muito mau, que se chamava Pedro e [que] vivia muito mal – a mãe não tinha nada que lhe dar de comer. E disseram-lhe assim:

[Aldeão:] – *Ai, morreu ali o velhote que guardava os perus e os porcos, ali do velhote que 'tá no monte.*

[Pedro:] – *Ah! E se o velho me levasse para lá?! Pelo menos enchia a barriga e 'tava lá com eles.*

O velho montou-se na burra e abalou⁽⁴⁾ a caminho da aldeia.

E ele 'tava sentado numa pedra (à espera que alguém lhe desse alguma coisa pa' comer, porque o pai tinha morrido e ele era sozinho mais a mãe e mais os outros irmãos) (Chegou...), sentado numa pedra e o velho ia chegando.

[Pedro:] – *Olha! Aí vem o velho do monte... Tenho que enganar este velho! Tenho me'mo que o enganar.*

[Velho:] – *Bom dia, rapaz!*

[Pedro:] – *Bom dia!*

[Velho:] – *Atão, como é que tu te chamas?*

[Pedro:] – *Pedro.*

Ele tinha ouvido dizer que havia um Pedro muito, muito daninho(5). Disse assim [para consigo:]

[Velho:] – *Ai, este na' vou levar! Não o vou levar porque... Já tem fama de ser daninho! Oh, minha mãe! Chega lá, dá volta a tudo!*

[Pedro:] – *Bom, atão o que é que você queria?*

[Velho:] – *Olha tenho lá uns perus e uns porcos pa' guardar. Gostava de um mocinho... Quanto é que tu querias ir ganhar pra lá?*

[Pedro:] – *Eu vou! Eu vou pra lá para o seu monte!*

[Velho:] – *Então e quanto é que tu querias ir ganhar?*

[Pedro:] – *Ah... Dez m'é'reis(6)...*

[Velho:] – *Olha que isso é muito!*

[Pedro:] – *Oh! Menos também na' posso...*

[Velho:] – *Olha, eu vou dar por aqui uma volta e depois amanhã logo te digo alguma coisa.*

[Pedro:] – *Tá bem.*

Ele abalou. (A rua da) a aldeia tinha umas três ou quatro ruas e ele, [Pedro], foi fugindo, foi-se pôr na outra rua.

[Velho:] – *Bom dia, rapaz!*

[Pedro:] – *Bom dia!*

[Velho:] – *Atão, que fazes aqui?*

[Pedro:] – *Oh, 'tou aqui que na' tenho nada que fazer! Aqui 'tou. Atão e você?*

[Velho:] – *Ando aqui à busca de um rapazinho para me guardar os meus porcos e os meus perus.*

[Pedro:] – *Olhe, eu vou!*

[Velho:] – *Atão e com'é que tu te chamas?*

[Pedro:] – *Pedro.*

O velho ficou logo... [e disse:]

– *Atão e tu querias ir lá prò monte?*

[Pedro:] – *Queria! Ir lá passar... Atão na' queria! Deserto(7) 'tou eu de sair aqui desta aldeia!*

[Velho:] – *Então e quanto é que tu querias ir ganhar?*

[Pedro:] – *Dez m' é' réis.*

Por a fala e por o aspecto, o velho ficou em dúvidas que ele seria o Pedro [e disse-lhe:]

– *Deixa 'tar que eu ó'pois logo te digo alguma coisa.*

[Pedro:] – *'Tá bem!*

Abalou. Fugiu, foi pa' outra rua. Enfim, 'tava nas ruas todas. Era ele sempre. 'Teve que o velho apontar prò levar. Disse:

– *Olhe, amanhã de manhã, apareces lá no meu monte. Sabes ali onde eu moro, é logo ali a seguir, e depois a gente fala.*

[Pedro:] – *'Tá bem! Fique descansado!*

Oh! Ainda bem na' se tinha feito dia, já ele 'tá batendo à porta do velho.

[Pedro:] – *Atão ainda na' se levantou?*

Levantou-se o velho, todo muito escarapaçado(8).

[Velho:] – *Atão, já cá 'tás?!*

[Pedro:] – *Já cá 'tou! Atão, mas isto pà gente ir fazer o trabalho na' pode 'tar deitado até tarde!*

[Velho:] – *'Tá bem.*

O velho levantou-se. A velha fez uma açorda(9). [Pedro] encheu a barriga e disse [para consigo: “*é pá! Que bem que eu 'tou aqui com estes velhos!*”].

A velha tinha tudo que não se podia ver! Teias de aranha por tudo o que era canto...

[Pedro:] – *Atão? Esta é a sua mulher? É pá! Que idade tem você?*

[Velha:] – *Ai, filho! Já tenho oitenta anos.*

[Pedro:] – *Que é que diz! Você parece que tem quinze anos, criatura(10)! Eu nunca tinha visto... Isto, isto, isto não se via por lado nenhum! – E vai de olhar para a velha.*

Encheu a barriga com a açorda. Diz-lhe o velho assim:

– *Olha, agora anda cá ver o que tu vais fazer.*

E a velha disse-lhe:

– *Ai, marido! O que tu foste trazer pa' nossa casa! Ele é esperto demais!*

[Velho:] – *Deixa, coitadinho! Ele tem fome, atão tem a barriga cheia. Bom, olhe estes são os porcos que tu levas, que vais guardar. E depois, à tarde, traz os perus pra dentro de casa e andas aqui de um lado para o outro.*

[Pedro:] – *'Tá bem! Fique descansado.*

[Velho:] – *E depois lá voltas para a tua casa.*

[Pedro:] – *Qual casa?! Eu quero ficar aqui com vocês! O que é que eu vou fazer pra casa? Só se você me der alguma coisa que eu vá levar à minha mãe...*

[Velho:] – *Sim, a minha mulher dá-te umas coisinhas. E tu – já com medo dele – vais dormir pra casa.*

[Pedro:] – *'Tá bem!*

Ele foi guardar os porcos. Andou, andou [e pensou:] *“eles estão gordos! Tenho de vender estes porcos! Tenho que os vender!”.*

Bom, passou-se o dia. À noite, a mulher deu-lhe um pão, deu-lhe comidas...

[Velha:] – *Vai levar à tua mãe. A tua mãe na' tem comida, vai lá levar.*

Foi pra casa e disse a uma irmã:

– *A velha 'tá muito gorda! Se você visse a figura da casa dela e a figura dela! Parece a velha que tem mais de cento e cinquenta anos! Diz que tem oitenta anos!*

[Mãe:] – *Ah filho, mas não digas isso à mulher!*

[Pedro:] – *Na' digo! Disse que 'tava do mai' lindo que havia!*

E diz-lhe a mãe:

– *Mas também não exageres! Isso depois a mulher vê que isso que não é verdade e depois fica...*

Bom, noutro dia abalou logo muito cedo. No outro dia, a velha levantou-se e fez-lhe café: café, pão e queijo.

[Pedro:] – *Não há uma mulher igual a esta! Não há! A coisa mai' linda que eu ainda vi nos dias da minha vida... Que velha! Esta velha esperta sabe fazer de tudo! Muito asseada...* – A velha não tinha palavras pa' lhe pagar.

Disse [a velha:]

– *Ai, filho não! Atão eu já na' posso fazer nada.*

[Pedro:] – *Deixe 'tar que eu mai' logo venho-lhe arrumar aqui a casa toda.*

[Velha:] – *E você na' tem falta de fazer nada?*

[Pedro:] – *Eu pondo os porcos lá na pastagem o que é que eu lá 'tou fazendo ao pé dos porcos? Ou aqui ao pé do monte?! Não 'tou fazendo nada! Venho-lhe limpar a casa. Na' tenha problemas...*

Tal e qual. Veio arrumar a casa à velha, deixou tudo num brinco(11). Diz a velha:

– *Ai, marido! Temos muita pena, mas não o podemos deixar abalar!* – Primeiro não o queria e depois já não o podia deixar abalar.

Bom, terminou aquilo tudo. A velha tinha já o almoço feito, foram almoçar.

Abalou [para o pastoreio]. Quem havia de passar? Um feirante com uma camioneta muita grande, nessa altura assim muito esquisita, [que lhe] disse:

– *É rapaz! Que porcos tão lindos que tu aqui tens! Atão, mas de quem são os porcos?*

[Pedro:] – *São do meu avô! São do meu avô.*

[Feirante:] – *Oh, atão se ele me vendesse esses porquinhos...*

[Pedro:] – *Vende! Vende-lhe os porcos, sim senhor! Vende-lhe os porcos! Atão, ele tem 'tado com o sentido d' os vender! Pra quê que ele quer os porcos?! Já ali tem mais! Pa' engordá-los.*
– Mentira, na' tinham! O velho à medida que ia vendendo, ia comprando.

[Feirante:] – *Atão, quanto é que tu queres pelos porcos?*

[Pedro:] – *Cem m'é'réis.*

[Feirante:] – *Cem m'é'réis?! Pelos porcos todos?!*

[Pedro:] – *Não! Cada um!*

[Feirante:] – *Ah! 'Tá bom! Olha, amanhã de manhã passo por aqui.*

[Pedro:] – *'Tá bem. Pode passar.*

[Feirante:] – *Sim, senhor. Trazes o teu avô.*

[Pedro:] – *Ah, coitadinho! Ele na' ouve! Que é que ele cá vem fazer?! Ele na' ouve!*

Bom, no outro dia de manhã levantou-se. E (o que é que) diz-lhe a velha assim:

– *Ai, filho! Olha, ontem comeste uma açorda, anteontem uma açorda, ontem comeste café. Atão hoje comes [o] quê?*

[Pedro:] – *Olha, gosto de café. Faça-me lá café com pão e queijo, que eu gosto muito disso.*

Bom, 'tava bebendo o café, diz ele assim:

– *Olhe lá, como é que você se chama?*

[Velha:] – *Ah! Chamo-me Maria.*

[Pedro:] – *Ah, mulher! Tem um nome tão bonito! Maria. Maria era o nome de Nossa Senhora⁽¹²⁾. E você tem mesmo jeitos de santa! Mesmo jeitos de santa! 'Tá bom... Mas você... Onde é que você dorme? Atão, eu arranjo-lhe esta casa. Mas pr'ali 'tão portas fechadas. Onde é que você dorme? Eu tenho que ver onde você dorme. Tenho que ver. Porque você não pode dormir mal, porque você já tem oitenta anos. Faz-lhe mal à coluna, faz-lhe mal ao seu corpo. Eu tenho que saber onde você dorme.*

A velha, muito contrariada, lá lhe deu o café.

[Pedro:] – *Mas agora tem de me ir mostrar onde é que você dorme que é preciso arrumar o quarto e na' posso... De tarde, tenho que fazer esse trabalho.*

Bom, a velha com muito pouca vontade de abrir-lhe a porta...

[Pedro:] – *Olha! – A velha tinha só farrapos em cima da cama e ele disse: – Ah! Assim na' pode ser! Aquela mala – era[m] umas malas velhas que havia, forradas de couro – tem que ter ali roupa boa dentro. E é aquela roupa que a gente vai tirar e pôr na sua cama. De tarde, vou fazer esse trabalho.*

[Velha:] – *'Tá bem. Atão 'tá bem, filho.*

[Pedro:] – *Atão e na' tem... Na' tem nada de dinheiro, nem de nada que possa passar por aqui alguém e levar o dinheiro?*

[Velha:] – *Ai, filho na' tenho...*

[Pedro:] – *Na' tem! Mas quem é que disse que na' tinha?! Tem que ter! Você é assim! Na' me quer dizer nada, mas você tem que fazer conta comigo que eu vou ficar aqui como um filho que você na' tem!*

[Velha:] – *'Tá bem, filho! Depois a gente vê. Arranjando as coisas depois logo resolve, falamos.*

[Pedro:] – *'Tá bem.*

A velha tinha o dinheiro dentro daqueles sacos de lona, dentro do alguidar da massa (um alguidar de barro vidrado⁽¹³⁾ onde amassava o pão). Punha-lhe os sacos e metia debaixo da cama.

Pois. Mas ele abalou com aquilo no sentido. Quando o comerciante passou já ele lá na' tava. Nesse dia aí, os porcos ainda se safaram (ao terceiro dia).

Veio pra casa arrumar o quarto à velha: tirou aquela roupa porca toda sem prestar pra nada. Fez-lhe a cama, varreu o quarto... Quis varrer debaixo da cama. Puxou o alguidar – lá 'tava o dinheiro –, ficou sabendo.

[Pedro:] – *Isto é dinheiro!*

[Velha:] – *É filho. Olha, é as minhas economias. É meia dúzia de tostões⁽¹⁴⁾ que aí 'tão.*

[Pedro:] – *Pois é. Atão, mas a gente na' tem falta de saber disso. Tenho falta, é de lhe limpar a casa!*

Pronto, arrumou a casa. A velha fechou o baú (chamava-lhe o baú). Fechou o baú. E pegou nas roupas e nos frangalhos, ele deitou-os pr'ali para um sítio qualquer e abalou pòs porcos.

[Pedro:] – *Ah! Velha d'um cabrão⁽¹⁵⁾! Atão com tanta dinheiro que aquela velha tem, é preciso 'tar vivendo numa miséria destas? Na' pode ser. Na' pode ser! A minha mãe morta com fome e a velha com dois sacos cheios de dinheiro! Na' pode! Eu tenho que levar o dinheiro para algum lado. Ela fica com dinheiro, mas eu tenho que levar algum.*

Bom andou todo o dia e toda a tarde matinando⁽¹⁶⁾ naquilo. Passou o homem e já era o quarto dia.

[Feirante:] – *Atão? Afinal o teu avô na' veio?!*

[Pedro:] – *Na' veio, mas quando você quiser vir buscar os porcos, venha. Na' tenha problema! É cem m'é'réis cada um. Na' tenha problema e venha buscar os porcos.*

O homem ia-se embora.

[Pedro:] – *Espere aí! É que não são só os cem m'é'réis! É que você tem que deixar cá as orelhas e o rabo dos porcos.*

[Feirante:] – *Atão, mas que paciência agora a tua! Ir cortar as orelhas aos porcos e o rabo!*

[Pedro:] – *Na' faz mal nenhum! Os porcos na' é para o matadouro?*

[Feirante:] – *São para o matadouro, sim senhor.*

[Pedro:] – *Atão! Olhe é que se você na' quiser deixar cá as orelhas dos porcos, já lhe custam muito mais dinheiro! Custam quinhentos m'é'réis. E não sei! E na' sei! Tenho que falar com o meu avô.*

O homem pensou: *“pra quê que eu quero as orelhas e os rabos dos porcos?! Deixo-lhe cá os rabos dos porcos!”*.

[Feirante:] – *Bom... Olha, amanhã de manhã, venho buscar os porcos.*

[Pedro:] – *‘Tá bem. Amanhã quando você quiser. – O velho muito descansado em casa.*

O comerciante veio buscar os porcos. Cortaram-lhe as orelhas. Mas logo por trás do monte havia assim do tipo de uma lagoa com muitas ervas, mas aquilo era tipo um pântano(17). Na' se podia ir pra lá que aquilo afundava tudo. (...) O comerciante veio buscar os porcos. Cortaram-lhe as orelhas, cortaram-lhe os rabos... O homem abalou, deu-lhe o dinheiro. Ele meteu-o na algibeira e veio direito a esse pântano. Pôs duas orelhinhas e um rabo cá atrás, duas orelhinhas e um rabo cá atrás, pôs os porcos todos – os rabos e a orelhas dos porcos – dentro daquele pântano. (Ele na' prestava pra nada!).

Assim que de lá saiu, lavou-se, preparou-se muito bem, foi preparar a velha. Foi arranjar o resto da casa à velha. Mas fez tempo demais, p' dizer, p' abalar dali aflito e dizer à velha:

– *Ai! Tenho que ir à procura dos porcos! A esta hora mataram os porcos! – E na' sei quê, na' sei que mais.*

[Velha:] – *Ai, filho! Vai lá! Não me levem os porquinhos, filho! Que é a nossa desgraça!*

Abalou, andou pra lá mais de uma hora. Veio com a mão na cabeça:

[Pedro:] – *Ai, tia⁽¹⁸⁾ Maria! Que desgraça a nossa!*

[Velha:] – *Atão?! Que foi, filho?! O que é que aconteceu?*

[Pedro:] – *Os porcos estão tudo ali dentro do pantanal! Ali, por trás do monte. Olhe, vieram, viram ali as ervas verdes, foram-se meter ali... 'Tá tudo...! Só se vê[em] as orelhas e o rabo!*

[Velha:] – *Ai, filho! Vai lá dizer aí ao meu marido, num instante, pa' ir à aldeia! Pra trazer homens pa' tirarem os porcos dali, filho! A ver se a gente ainda salva algum!*

[Pedro:] – *Vamos lá ver! 'Tou duvidoso⁽¹⁹⁾, mas é capaz de a gente já na' salvar nenhum!*

Ai! A velha *ficou logo em picos*⁽²⁰⁾.

[Velha:] – *Ah! Marido, vai lá num instante!*

Enquanto o velho albardou⁽²¹⁾ a burra e na' albardou a burra [disse:]

[Pedro:] – *'Tá com um tempo destes... Atão como é que a gente tira dali os porcos?! De maneira nenhuma! A gente, dali, na' tiramos os porcos.*

O velho abalou a *cavalo na burra*⁽²²⁾ pa' aldeia, mas ele já lá chegando:

[Velho:] – *Ah, Pedro! Anda cá, filho! Vê lá! Vim pra' aldeia sem trazer nem um tostão para pagar às pessoas para tirarem os porcos.*

[Pedro:] – *Olhe! Vá lá andando... Atão e o que é que você quer que eu leve?*

[Velho:] – *Diz lá à minha mulher que mande o talego⁽²³⁾ grande!*

[Pedro:] – *O grande ou o pequenino?*

[Velho] – *Olha! Traz os dois!* – Eram os dois sacos de dinheiro que lá tinham!

E enquanto o velho fazia aquilo, ele tentava arrancar as orelhas de dois ou três porcos e o rabo – vinham só as orelhas e o rabo. Na' 'tavam lá porcos nenhuns! [Pedro] abalou fugindo pela aldeia [direito ao monte].

[Pedro:] – *Ah, tia Maria! Dê lá aí o dinheiro num instante prò homem, prò seu marido pagar lá às pessoas!*

[Velha:] – *Atão, quanto é que queres, filho?*

[Pedro:] – *Ele disse pra levar o talego grande e o pequenino...*

[Velha:] – *Os dois?!*

[Pedro:] – *Os dois! – Abalou com o dinheiro da mulher.*

O velho chegou à aldeia, convocou as pessoas pra virem tirar os porcos do lameiro.

Quando cá chegou, nem Pedro, nem dinheiro! Nunca mais ninguém viu o Pedro! Abalou. Levou-lhe o dinheiro. Vendeu os porcos. E ainda, a esta hora, lá ‘tão comentando (...). Esperto, espertalhão! Era o *Pedro das Malasartes*(24)!»

Edvige Rafael, 68 anos, Baleizão (conc. Beja), Fevereiro 2006.

Glossário:

- (1) **Monte:** regionalismo do Alentejo. Sede de herdade formada por vários edifícios em torno de um pátio; designação por vezes atribuída à própria herdade.
- (2) **Atão:** regionalismo de Portugal, de uso informal e coloquial que significa “então”.
- (3) **A gente:** subentende-se o sujeito “nós”.
- (4) **Abalou:** foi-se embora.
- (5) **Daninho:** endiabrado, traquinas, travesso, ruim.
- (6) **M’é’réis:** Expressão oral de abreviatura de “mil réis”. «Após a implantação da república, o escudo foi avaliado em mil réis. Durante muito tempo, o povo chamava cinco mil réis às moedas de cinco escudos, e dez mil réis às moedas de dez escudos. Com o passar do tempo, estas designações tornaram-se obsoletas.» Tavares, Louro. A. (09/05/2007). Consultado em 31 de Março de 2010, 13:58. Em linha. Disponível na URL: <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=20443>
- (7) **Deserto:** desejoso de.
- (8) **Escarapaçado:** muito admirado.
- (9) **Açorda:** sopa de pão temperada com azeite, alho e ervas aromáticas, a que se pode acrescentar ovos, bacalhau, marisco, etc.
- (10) **Criatura:** no caso, subentende-se “mulher”.
- (11) **Deixou tudo num brinco:** deixou tudo muito limpo e arrumado.
- (12) **Nossa Senhora!** Refere-se à Virgem Maria na Igreja Católica Romana.
- (13) **Alguidar de barro vidrado:** o artesanato cerâmico do Alentejo inclui louça de barro vidrada e pintada para acondicionar e confeccionar comida e bebida.
- (14) **Tostões: plural de tostão** – Antiga moeda portuguesa equivalente a 100 réis ou de 10 centavos.
- (15) **Velha dum cabrão:** velha fingida, velhaca.
- (16) **Matinando:** insistindo, teimando.
- (17) **Pântano:** terreno encharcado de água estagnada; lodaçal.
- (18) **Tia:** forma de tratamento que, em Portugal e sobretudo na província, no campo, é usada para mulheres de certa idade e de condição modesta.
- (19) **Estou duvidoso:** estou hesitante, estou com dúvidas.
- (20) **Ficou logo em picos:** ficou logo em cuidados.
- (21) **Albardou:** pôs a albarda (uma sela grosseira para bestas de carga).
- (22) **A cavalo na burra:** montado, posto sobre a burra.
- (23) **Talego = taleigo** – saco de pano ou de pele em que se levava o cereal para o moinho e que se trazia cheio de farinha; saco de pano para transportar comida.

(24) Pedro das Malasartes: = Pedro das Malasartes ou Pedro Malasartes é uma figura do folclore internacional e uma personagem tradicional nos contos populares da Península Ibérica e também no Brasil. É um jovem de origem humilde, muito astuto e hábil que resolve, através da inteligência e lábia, as situações mais difíceis. É o herói que, sem remorsos, consegue aquilo que quer e que através das suas inesgotáveis artimanhas aproveita-se dos avarentos, parvos, orgulhosos, ricos, vaidosos...

Para a execução deste glossário consultaram-se os seguintes websites e dicionários: Magalhães Júnior, R. (1980). Dicionário de Provérbios, locuções e ditos curiosos. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, p.246. Cascudo, Luís da Câmara. *Dicionário Do Folclore Brasileiro*. 10a. ed. São Paulo, SP: Global Editora, 2001. Simões, de Guilherme Augusto. (2000). Dicionário de Expressões Populares Portuguesas. 2ª. Edição, Dicionários D. Quixote; 34. Lisboa: Publicações D. Quixote, p. 131, 287, 427. <http://www.dicio.com>; <http://acll.home.sapo.pt/portugues.html>; <http://www.ciberduvidas.com>; <http://conhecerportugal.com>; <http://www.anjef.com/identidadecultural02.htm>; <http://ciberduvidas.sapo.pt/pergunta.php?id=10449>; <http://historiaselendas.no.sapo.pt/paginas/falar.htm>; <http://www.turquel.com.html>; <http://pt.wikipedia.org> <http://www.infopedia.pt>; <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/monte>;